

A Língua Portuguesa em Dia

Francine Baranoski Pereira
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2018

Francine Baranoski Pereira

(Organizadora)

A Língua Portuguesa em Dia

Atena Editora

2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

L755 A língua portuguesa em dia [recurso eletrônico] / Organizadora Francine Baranoski Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-89-5

DOI 10.22533/at.ed.895182211

1. Língua portuguesa. I. Gaviolli, Gabriel. II. Título. III. Série.

CDD 469.04

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra intitulada: "A Língua Portuguesa em Dia" traz uma riqueza de estudos nas grandes áreas: Gramática, Língua e Literatura, áreas que possuem identidades próprias, que se complementam e propiciam a reflexão e compreensão dos fenômenos da linguagem em suas diversas manifestações.

Os artigos desta edição, fazem um convite ao leitor/professor/estudante da área e/ ou demais interessados a compreender o discurso literário de diversos autores brasileiros e estrangeiros, dentre eles: Clarice Lispector, Ana Miranda, Eulálio Motta, Carson McCullers, Luandino Vieira, José Lins do Rego, Suleiman Cassamo, Paulina Chiziane sob múltiplos enfoques. Mostram estudos que ressaltam a importância do uso da gramática, do dicionário, do ensino de diversos gêneros textuais em sala de aula. Apresentam análises e eventos discursivos, variedades linguísticas, contribuições para o ensino de língua estrangeira, uso da tecnologia no ensino do Português e ensino de Libras em um relato de experiência. Todos os capítulos contêm embasamento teórico seguido de explicações, indagações e reflexões ou relatos, provocando no leitor a construção de suas compreensões e interpretações e por fim, do seu próprio conhecimento dos estudos apresentados.

Deste modo, a leitura desta obra propiciará inúmeras contribuições para leitores, professores, estudantes e pesquisadores em suas leituras, práticas e pesquisas neste âmbito plural, pois traz o conhecimento científico em distintas áreas que perpassam Língua e Literatura.

Francine Baranoski Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A AMBIVALÊNCIA ENTRE A TEMPORALIDADE NARRATIVA FICCIONAL E A TEMPORALIDADE HISTÓRICA NA OBRA <i>BOCA DO INFERNO</i> DE ANA MIRANDA	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822111	
CAPÍTULO 2	11
A NORMALIZAÇÃO NA TRADUÇÃO DO VOCÁBULO “MORTE/DEATH” EM DUAS OBRAS DE CLARICE LISPECTOR TRADUZIDAS PARA A LÍNGUA INGLESA: UM ESTUDO BASEADO EM CORPUS	
<i>Thereza Cristina de Souza Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822112	
CAPÍTULO 3	22
EDIÇÃO CRÍTICO-GENÉTICA DO POEMA “TERRA DE PROMISSÃO”, DE EULÁLIO MOTTA	
<i>Pâmella Araujo da Silva Cintra</i>	
<i>Patrício Nunes Barreiros</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822113	
CAPÍTULO 4	36
EDIÇÃO CRÍTICO-GENÉTICA DO POEMA CARNAVAL DE MUNDO NOVO, DE EULÁLIO MOTTA	
<i>Maria Rosane Vale Noronha Desidério</i>	
<i>Patrício Nunes Barreiros</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822114	
CAPÍTULO 5	48
EM BUSCA DE RESPOSTAS: DEUS EXISTE?	
<i>Ieda Tinoco Boechat</i>	
<i>Carlos Henrique Medeiros de Souza</i>	
<i>Leila Maria Tinoco Boechat Ribeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822115	
CAPÍTULO 6	63
EM CENA A LENDA AMAZÔNICA: A MATINTA PERERA	
<i>Rosalina Albuquerque Henrique</i>	
<i>Célia Suely Abreu Cota</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822116	
CAPÍTULO 7	73
LITERATURA E MÚSICA NOS CONTOS “WUNDERKIND” E “MADAME ZILENSKY E O REI DA FINLÂNDIA” DE CARSON MCCOLLERS	
<i>Júlia Reyes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822117	
CAPÍTULO 8	87
LUANDINO VIEIRA PELOS CAMINHOS DA PAISAGEM, DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA EM LUUANDA	
<i>Fabiana de Paula Lessa Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822118	
CAPÍTULO 9	100
MEMÓRIA CULTURAL DOS ESCRITORES: AS ENGRENAGENS DE JOSÉ LINS DO REGO.	
<i>Evandro Figueiredo Candido</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8951822119	

CAPÍTULO 10	115
ENTRE CULTURAS: A MISSÃO CIENTÍFICA AUSTRO-ALEMÃ DE 1817 AO BRASIL	
<i>Leonardo Ferreira Kaltner</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221110	
CAPÍTULO 11	130
UM PASSEIO PELAS RUAS, CIDADES E VIDAS EM SULEIMAN CASSAMO	
<i>Fabiana de Paula Lessa Oliveira</i>	
<i>Fabiana Rodrigues de Souza Pedro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221111	
CAPÍTULO 12	140
PROCEDIMENTO LITERÁRIO DE PAULINA CHIZIANE “VENTOS DO APOCALIPSE”	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
<i>Ana Maria de Carvalho Leite</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221112	
CAPÍTULO 13	148
CARACTERÍSTICAS CENTRAIS DA NARRATIVA GÓGOLIANA E A MOTIVAÇÃO MORAL A PARTIR DE TCHITCHIKOV EM ALMAS MORTAS, DE NIKOLAI GÓGOL	
<i>Márlon Coí Rojas</i>	
<i>Evandro Barbosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221113	
CAPÍTULO 14	152
A TRAVESSIA DA LETRA E DAS PERSONAGENS CLARICIANAS	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221114	
CAPÍTULO 15	167
ANÁLISE DA PROPAGANDA ORAL À LUZ DOS ESTUDOS RETÓRICO-CONVERSACIONAIS	
<i>Maria Francisca Oliveira Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221115	
CAPÍTULO 16	180
A INTERFACE SEMIOLINGUÍSTICA NAS CANÇÕES DE NANDO REIS NO ESTUDO DA LEITURA	
<i>Carmen Elena das Chagas</i>	
<i>Pânmella Franco Bispo dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221116	
CAPÍTULO 17	191
A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
<i>Fátima Stela Bezerra Viana Barbosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221117	
CAPÍTULO 18	199
O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA NAS ENTRELINHAS DE PESQUISAS	
<i>Amós Coêlho da Silva</i>	
<i>Anne Marilyn Silva Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221118	

CAPÍTULO 19	213
ANÁLISE DAS REGRAS DE FÓRUNS DE FANFICTIONS COMO ESTRATÉGIA NA ADEQUAÇÃO DA ESCRITA DOS JOVENS ÀS NORMAS ORTOGRÁFICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA	
<i>Elaine Santana de Souza</i>	
<i>Luciano Dias de Sousa</i>	
<i>Raquel Veggj Moreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221119	
CAPÍTULO 20	225
ANÁLISE DO DISCURSO DE UMA CAMPANHA DE SAÚDE FEMININA	
<i>Edelyne Nunes Diniz de Oliveira</i>	
<i>Lucineide Matos Lopes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221120	
CAPÍTULO 21	237
ANÁLISE DO LOGOS ARISTOTÉLICO NO GÊNERO TEXTUAL DEBATE POLÍTICO TELEVISIONADO	
<i>Romildo Barros da Silva</i>	
<i>Maria Francisca Oliveira Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221121	
CAPÍTULO 22	254
ANÁLISE SEMÂNTICA DO ROTEIRO DE TELENOVELA	
<i>Simone Dorneles Severo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221122	
CAPÍTULO 23	279
AS CONTRIBUIÇÕES DO GÊNERO ANÚNCIO NO ESTÍMULO À LEITURA	
<i>Géssica Pereira Monteiro Rangel</i>	
<i>Eliana Crispim França Luquetti</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221123	
CAPÍTULO 24	290
AS FORMAS PRONOMINAIS TU, VOCÊ E O(A) SENHOR(A) NO PORTUGUÊS FALADO EM CAMETÁ-PARÁ	
<i>Raquel Maria da Silva Costa</i>	
<i>Karina Pereira Castro</i>	
<i>Kéttelen Mayara Tavares Brito</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221124	
CAPÍTULO 25	304
ATIVIDADES DE REFERENCIAÇÃO: O USO DE MARCADORES TEMPORAIS EM NARRATIVAS AFILIADAS AO LENDÁRIO AMAZÔNICO	
<i>Heliud Luis Maia Moura</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221125	
CAPÍTULO 26	318
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM PERSPECTIVA: O QUE AS PESQUISAS (NÃO) TÊM A DIZER SOBRE A PERSONALIZAÇÃO DA APRENDIZAGEM?	
<i>Joane Marieli Pereira Caetano</i>	
<i>Adriene Ferreira de Mello</i>	
<i>Dulce Helena Pontes-Ribeiro</i>	
<i>Carlos Henrique Medeiros de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221126	

CAPÍTULO 27	334
ENSINO DE LIBRAS L2 NA PERSPECTIVA DISCURSIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Andréa dos Guimarães de Carvalho</i>	
<i>Gilmar Garcia Marcelino</i>	
<i>Kelly Francisca da Silva Brito</i>	
<i>Renata Rodrigues de Oliveira Garcia</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221127	
CAPÍTULO 28	341
EVENTOS DISCURSIVOS CARREGADOS DE SENTIDOS: EFEITOS MONITORÁVEIS?	
<i>Ieda Tinoco Boechat</i>	
<i>Thiago Soares de Oliveira</i>	
<i>Sérgio Arruda de Moura</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221128	
CAPÍTULO 29	354
GÊNEROS TEXTUAIS, TECNOLOGIA E ENSINO DE PORTUGUÊS PARA FALANTES DE OUTRAS LÍNGUAS.	
<i>Ângela Marina Bravin dos Santos</i>	
<i>Arthur Lima de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221129	
CAPÍTULO 30	361
O QUE DIZEM AS REDAÇÕES DO ENSINO FUNDAMENTAL I ? - UMA PESQUISA BASEADA EM CORPORA	
<i>Elaine Cristina Ferreira de Oliveira</i>	
<i>Adriane Orenha-Ottaiano</i>	
<i>Ravel João da Silva Gimenes</i>	
<i>Leandro Ferreira de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221130	
CAPÍTULO 31	370
UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE OS DIÁLOGOS DIDÁTICO NOS LIVROS DE LÍNGUA INGLESA	
<i>Sonia Maria da Fonseca Souza</i>	
<i>Eliana Crispim França Luquetti</i>	
<i>Poliana da Silva Carvalho</i>	
<i>Vyvian França Souza Gomes Muniz</i>	
<i>Joane Marieli Pereira Caetano</i>	
<i>Carlos Henrique Medeiros de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221131	
CAPÍTULO 32	385
ENTRE FATOS E HIPÓTESES: A LINGUAGEM EM ANÁLISE	
<i>Ivete Monteiro de Azevedo</i>	
<i>Lídia Maria Nazaré Alves</i>	
<i>Leonardo Gomes de Souza</i>	
<i>Fernanda Soares Wenceslau</i>	
DOI 10.22533/at.ed.89518221132	
SOBRE A ORGANIZADORA	401

ENTRE CULTURAS: A MISSÃO CIENTÍFICA AUSTRO-ALEMÃ DE 1817 AO BRASIL

Leonardo Ferreira Kaltner

Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense

RESUMO: A missão científica austro-alemã de 1817, que percorre o território do Brasil, é um marco social e histórico no processo de relações interculturais que surgem, a partir do período da Independência, entre o Brasil e a Europa. Como resultado dessa expedição científica, diversas obras foram publicadas por naturalistas europeus, descrevendo diversos aspectos da sociedade brasileira de então, como a natureza, a flora e a fauna, a organização social e estudos de etnologia sobre as línguas indígenas. Entre os principais autores da época, destaca-se Carl F. P. von Martius, naturalista bávaro, autor de diversos estudos sobre o Brasil. Analisamos a relação entre linguagem e a natureza, a partir da Ecolinguística, neste estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Ecolinguística, Línguas Clássicas, História das ideias linguísticas

ABSTRACT: The Austro-German scientific mission of 1817, which crosses the territory of Brazil, is a social and historical milestone in the process of intercultural relations that emerge, from the period of Independence, between Brazil and Europe. As a result of this scientific expedition, several works were published by European naturalists, describing various

aspects of Brazilian society at the time, such as nature, flora and fauna, social organization and ethnology studies on indigenous languages. Among the leading authors of the time, I highlight Carl F. P. von Martius, a Bavarian naturalist, author of several studies on Brazil. I analyze the relationship between language and nature, based on Ecolinguistics, in this study.

KEY WORDS: Ecolinguistics, Classical Languages, History of Language Ideas

1 | INTRODUÇÃO

Agrosso modo, a Ecolinguística, doravante representada pela sigla EL neste artigo, é resultante da interdisciplinaridade de dois campos do saber: a Ecologia e a Linguística, tendo sido desenvolvida a partir dos estudos de Einar Haugen, segundo a principal referência da área no Brasil, a obra *Ecolinguística* de Hildo Honório do Couto (COUTO, 2007 p. 47). Estas, como disciplinas acadêmicas, integram duas diferentes áreas científicas com teorias, objetos de estudos e escopo próprios, mas interdisciplinarmente unidas na EL que pressupõe o estudo das relações entre língua e meio ambiente. Dessa forma, cumpre salientar que a EL trata de uma visão teórica em que os fenômenos linguísticos e ecológicos são postos

em evidência e interação em suas diversas interfaces, permitindo ao linguista, que dela se vale, descrever as relações entre povo, língua e território.

Neste aspecto, a EL possui um campo mais extenso do que a Sociolinguística, acrescentando a dimensão território à interação língua e sociedade. Este acréscimo ocorre ao se levar em consideração o eixo território, meio ambiente, na descrição de comunidades linguísticas, buscando-se evitar concepções meramente antropocêntricas para descrição do uso da linguagem. A EL permite analisar o impacto ecológico do território sobre diversos usos da linguagem, para além da dimensão e inserção social e ideológica do falante, propugnando por uma visão holística da linguagem em que o meio ambiente possa ser levado também em consideração.

Para este artigo, escolhemos, como objeto de estudos e para aplicação da teoria da EL, um texto escrito em Latim Científico no século XIX sobre o Brasil, emblemático por se tratar de uma descrição feita pelo naturalista bávaro Carl F. P. von Martius (1794-1868) de uma paisagem que é referência do território brasileiro, tendo sido escrita em 1817, no contexto da Missão Científica Austro-Alemã, que percorreu o Brasil à época da chegada de D. Leopoldina von Habsburg-Lothringen, que viria a casar-se com o futuro imperador D. Pedro I, à época príncipe regente. O relato é constituinte da obra *Flora Brasiliensis* (Flora brasileira), uma das principais pesquisas de botânica já realizadas sobre o território brasileiro. Intitula-se o texto: *Prospectus e cacumine montis Corcovado. Prope Sebastianopolis* (Paisagem a partir do Morro do Corcovado. Próximo à Cidade de São Sebastião). Apresentaremos o texto estabelecido em Latim científico, sua tradução e uma análise a partir dos pressupostos da EL.

Os relatos de naturalistas dos oitocentos configuram-se como registros discursivos das interações entre homem e meio ambiente, com o intuito de registro científico. O uso do Latim científico é motivado neste contexto e uma questão central a ser pensada e analisada dentro do âmbito do discurso na História das Ciências, sendo a análise destes textos atividade de cunho historiográfico também, pois a compreensão da escolha da Língua Latina pela comunidade científica e acadêmica europeia, para as Ciências Naturais, é um fenômeno cultural complexo que denota uma relação diferenciada entre língua-povo-território, pelo fato de que o uso do Latim no século XIX não denotaria necessariamente nenhum povo específico, logo o discurso de naturalistas não estaria vinculado a nenhum território ou fronteira nacional determinada. A questão de descrever tanto a flora quanto a fauna em Língua Latina é complexa e passível de análise através de uma sequência de autores e textos, além do contexto social e histórico em que estes discursos se inserem, como a obra *Flora Brasiliensis*, por exemplo.

Desde *Linnaeus*, a comunidade acadêmica de naturalistas do século XVIII, à época do Iluminismo, que formariam um novo Ecosistema Fundamental da Língua (EFL), uma comunidade linguística, para o uso do Latim científico, teria decidido pela manutenção da língua latina para o uso em textos científicos sobre o meio ambiente, para a taxionomia da flora e da fauna europeia e extra europeia. Neste aspecto,

cumprir salientar que o uso do Latim pelas Ciências Naturais ocidentais de então não estaria vinculado a nenhum nacionalismo ou território nacional, ou à identidade entre povo e língua, sendo um meio de comunicação internacional em uma comunidade que deslocaria seu território para o meio ambiente, com uma noção de sociedade inicialmente sem fronteiras, salvo as fronteiras naturais.

Neste aspecto, as descobertas científicas de Alexander von Humboldt, em sua viagem à América do Sul, são fundamentais para se compreender qual seria o sentido de território para os naturalistas dos oitocentos, tendo em vista que Humboldt ao descobrir as chamadas isotermas, linhas de variação climática na natureza, conceberia que as fronteiras políticas nacionais não correspondem às fronteiras naturais, e o clima seria a fronteira real que tornaria os territórios distintos por sua flora e fauna. Para referenciar este território, demarcado pelas variações climáticas, a língua utilizada seria o Latim científico, com valor internacional e universal à época.

O objetivo de se evitar uma língua nacional na descrição dos fenômenos naturais participa de um contexto de percepção intrínseca de que as fronteiras linguísticas não corresponderiam às fronteiras naturais e que apenas uma visão holística do ambiente e do contexto linguístico poderia corresponder aos anseios científicos de universalidade para a descrição das leis naturais no ambiente. Os animais e plantas renomeados em Latim viriam de uma nova variante da língua latina em perspectiva descentralizada em relação ao sentimento nacional derivado da concepção de Estado Moderno na Europa.

Em relação aos naturalistas que chegam ao Brasil nos oitocentos e descrevem a natureza cientificamente, há uma série de autores do meio acadêmico europeu, sendo a Missão Austro-Alemã notória neste aspecto. Esta tradição remete-se aos primeiros séculos do Brasil enquanto colônia e avança na época do Império. Inicialmente, esta tradição de textos de naturalistas que escreveram em Latim científico sobre a natureza brasileira tem como marco inicial, no século XVI, a obra de Anchieta *Epistula quamplurimarum rerum naturalium* e a obra oriunda da França Antártica *Historia nauigationis in Brasiliam, quae et America dicitur*, escrita originalmente em francês e traduzida para o Latim em 1586.

As obras dos viajantes europeus que atravessaram o Atlântico para as Américas, sobretudo o Brasil, remontam a épocas em que projetos civilizatórios diversos foram se sucedendo e permitindo o contato entre povos e sociedades que se desenvolveram em sentidos diversos. O Brasil Holandês no século XVII, traria a figura de naturalistas que deixariam como legado a obra *Historia Naturalis Brasiliae*, por exemplo, uma das principais referências do século XVII sobre o uso do Latim científico, até o Iluminismo, quando as obras de *Linnaeus* são editadas e padronizam a sistemática da taxionomia para o uso do Latim científico na botânica e zoologia. Vejamos um excerto da obra *Reise in Brasilien*, seguido de tradução, que descreve o contexto da expedição científica de 1817. Em seguida, o texto em Latim científico descrevendo a visita dos naturalistas Martius e Spix ao Corcovado, seguido também de tradução.

2 | A OBRA DE CARL F. P. VON MARTIUS

Reise in Brasilien: relato da Missão Austro-Alemã de 1817 (SPIX & MARTIUS, 1823, p. 7-9)

Hier in der Kaiserstadt, wo wir am 10. Februar eintrafen, genossen wir, bei den ferneren Ausrüstungen und Anschaffungen, zur Ausführung der wissenschaftlichen Absichten so hochsinniger Monarchen, die thätigste und grossmüthigste Unterstützung von Seite Sr. Durchlaucht des k. k. öster. Staatskanzlers Herrn Fürsten von METTERNICH, und des k. baier. Gesandten Herrn Freyherrn VON STAINLEIN. Herr VON SCHREIBERS, Director des k. k. Naturalienkabinetts, ein durch seine Schriften eben so rühmlich bekannter, als im Umgang achtungswerther Gelehrter, dem die Organisation der kais. öster. naturhistorischen Expedition nach Brasilien aufgetragen war, hatte die Güte, uns sogleich mit den übrigen gelehrten Reisegefährten, welche die k. k. Regierung zur wissenschaftlichen Expedition ausgewählt hatte, bekannt zu machen. Hr. Professor MIKAN aus Prag war für Botanik und Entomologie, Hr. Dr. Med. POHL für Mineralogie und Botanik, Hr. NATTERER, Assistent bei dem k. k. Naturalienkabinet, für Zoologie, Hr. TH. ENDER für Landschaftsmalerei, Hr. BUCHBERGER für Pflanzenmalerei, Hr. H. SCHOTT, Sohn des würdigen Aufsehers des Universitätsgartens, zum Gärtner bestimmt; die beiden Letztgenannten waren dem Hrn. MIKAN als Gehülfen zugetheilt; ausserdem befanden sich bei der Gesellschaft noch ein Jäger und ein Bergknappe. Erfreut über die Bekanntschaft mit diesen unseren künftigen Gefährten, erwarteten wir nun sehnlichst den Ruf zur gemeinschaftlichen Abreise nach Triest. Da indessen mehrere Umstände es noch unbestimmt liessen, wann die beiden österreichischen Fregatten auslaufen würden, so verwendeten wir die noch übrige Zeit theils zu weiteren Reisevorbereitungen, besonders zur Anschaffung geographischer Karten und verschiedener anderer Gegenstände, welche in dem neuen Lande gar nicht, oder nur mit grossem Aufwande erkaufte werden können, theils zum Besuche der dortigen Gelehrten. Unter den letzteren lernten wir den ehrwürdigen, leider inzwischen verstorbenen Freyh. v. JACQUIN, den Nestor der deutschen Botaniker, welcher selbst mit so rühmlichem Erfolge für die Wissenschaft mehrere Jahre in Westindien und Terra firma zugebracht hatte, und dessen Rathschläge uns sehr willkommen waren, — seinen würdigen Sohn, die Hrn. PROHASKA, TRATTINIK, HOST, PORTENSCHLAG, BREDEMEYER, PRECHTL, MEISSNER u. s. w. kennen, welche Alle grosse Theilnahme an unserer wissenschaftlichen Unternehmung zeigten. Was aber unseren Muth und unsere Begeisterung für die Reise noch mehr belebte, war die persönliche Bekanntschaft des Malers FERD. BAUER, welcher Cap. FLINDERS auf seiner Reise in die Südsee und nach Neuholland begleitet hatte, und nun eben mit der Abbildung der sonderbaren Formen von Pflanzen und Thieren jener Gegenden beschäftigt war. Am 4. März verliessen wir die Kaiserstadt Wien und reisten nach Triest ab. In Grätz besuchten wir das Johanneum, diese den hohen Sinn ihres fürstlichen Stifters für Wissenschaft beurkundende Anstalt, welche vorzüglich zur Verbreitung practischer Kenntnisse in den Fächern der Naturgeschichte und Technik bestimmt ist. Bei dieser Gelegenheit lernten wir die beiden Professoren CHRYS. V. VEST und F. MOHS kennen, und gerne wären wir, wenn es unsere Zeit erlaubt hätte, in den schönen Umgebungen der steierischen Hauptstadt, an der Seite jener sinnigen Forscher, länger verweilt; allein die Umstände geboten, und wir eilten von hier hinweg, um noch die Quecksilberbergwerke von Idria besuchen zu können. Es schien uns sehr interessant, aus eigener Ansicht diese Formation kenne zu lernen, deren Product für das goldreiche Brasilien von unberechenbarem Vortheile seyn müsste, sobald man die Wichtigkeit der Amalgamation dort eben so,

Tradução

Aqui, na cidade imperial de Viena, onde nós no dia 10 de fevereiro de 1817 nos encontramos, apreciamos, junto aos preparativos finais e aquisições, para a execução dos objetivos científicos de tão ilustres monarcas, o mais efetivo e generoso apoio por parte de Sua Alteza Sr. Fürsten von Metternich, Conselheiro de Estado da corte real e imperial austríaca, e do enviado da corte real bávara, Sr. Freyherrn von Stainlein. O Sr. Von Schreibers, diretor do Real e Imperial Gabinete de História Natural, único, reconhecido através de seus estudos tão louváveis, tanto quanto no trato para com estimados estudiosos, o qual se encarregou da organização da expedição imperial austríaca ao Brasil, teve a bondade de nos fazer conhecidos imediatamente junto aos restantes cientistas companheiros de viagem, que a corte real e imperial havia selecionado para a expedição científica. O Sr. Professor Mikan de Praga foi selecionado para Botânica e Entomologia, o Sr. Dr. Med. Pohl para Mineralogia e Botânica, o Sr. Natterer, assistente junto ao Real e Imperial Gabinete de História Natural, para Zoologia, o Sr. Thomas Ender para a pintura de paisagens, o Sr. Buchberger para a pintura de plantas, o Sr. H. Schott, filho do digno feitor do jardim da Universidade, para jardineiro, ambos os últimos citados foram escalonados como assistentes para o Sr. Mikan; também se encontravam na associação ainda um caçador e um mineirador. Satisfeitos com o conhecimento destes nossos futuros companheiros de viagem, nós aguardamos agora ansiosamente a chamada para a partida em grupo em direção à Trieste. Como, no entanto, várias circunstâncias ainda estivessem indefinidas quanto a isto, quando partiriam ambas as fragatas austríacas, assim nós empregamos em parte o tempo ainda restante para os demais preparativos da viagem, particularmente, para a compra de cartas geográficas e de outros itens, os quais não havia no novo país, ou apenas com grandes gastos poderiam ser adquiridos, ou também, por uma visita aos estudiosos locais. Entre os últimos acontecimentos, conhecemos o admirável Freyh. V. Jacquin no ano de 1817, infelizmente já falecido em 1823, o decano dos botânicos alemães, o qual passara ele mesmo muitos anos nas Índias Ocidentais e em *Terra firma*, com tão louváveis realizações para as Ciências, e de quem os conselhos foram muito bem-vindos, conhecemos também seu filho, a Sr.a Prohaska, Trattnik, Host, Portenschlag, Bredemeyer, Prechtl, Meissner entre outros, todos que mostraram grande interesse em nosso empreendimento científico. O que, porém, animou ainda mais a nossa coragem e nosso entusiasmo para a viagem foi travar conhecimento pessoalmente com o pintor Ferd. Bauer, o qual acompanhara Cap. Flinders em sua viagem ao mar do Sul e para a Nova Holanda, e agora só tem se ocupado com as imagens das formas singulares de plantas e de animais dessas regiões. Aos 4 de Março de 1817, saímos da cidade imperial de Viena e velejamos para Trieste. Em Grätz nós visitamos o Johanneum, esta instituição que deve ser reconhecida quanto ao elevado significado de seu nobre fundador para a Ciência, a qual é destinada,

com excelência, para a difusão do conhecimento empírico nas disciplinas de História Natural e Técnica. Nesta ocasião, nós conhecemos e conversamos com os Professores Chrys v. Vest e F. Mohls, e ficaríamos muito contentes, se o nosso tempo o permitisse, de mais longamente nos demorarmos nos belos arredores da capital estíria, ao lado desses pesquisadores tão perceptivos, contudo, dadas as circunstâncias, também nos apressamos afastando-nos daqui, a fim de que ainda pudéssemos visitar as minas de Mercúrio de Ídria. Pareceu-nos muito interessante conhecer a partir de nosso ponto-de-vista esta formação, cujo produto, para o Brasil, rico em ouro, deveria ser de incalculável vantagem, em breve se peceberia a importância da amalgamação lá, bem como no Peru e no México.



Figura 1. Tábua XIX da *Flora Brasiliensis*



Figura 2. Tábua XX da *Flora Brasiliensis*

XIX. XX. PROSPECTUS E CACUMINE MONTIS CORCOVADO, PROPE SEBASTIANOPOLIN (MARTIUS, 1829-1833, p. 73-76)

Utraque harum tabularum, quas tibi, lector benevole, hoc titulo offero, est minuta imitatio magnificae picturae, quam vir amicissimus THOMAS ENDER, in itinere comes, ex cacumine montis Corcovado egregia arte designavit et cum ceteris tabulis Brasiliae tractus experimentibus academiae artium Vindobonensi commisit conservandam. Exhibent illae praestantem prospectum in configurationem partis amoenissimi illius sinus Rio de Janeiro, cujus varia et grandis revera natura ac formatio tantum non versatur in communibus proverbiiis. Denuo autem est quod conquerar, has meas tabulas utpote coloris expertes destitutas esse mira pellucidi illius coeli gratia et vivido nitoris calore.

Superior pars montis Corcovado mare spectans praeceps est et ita declivis, ut ab oceano appropinquanti tamquam ingentis ruinae fragmentum appareat; videtur daemonica vis, quae olim terrae praesentem formam impressit, directo eum dissecuisse, alteram partem in mare profundum demersura. Nulla in his arduis parietibus planta potest sedem occupare, nihil offerentibus nisi saxa coloris cano-violascentis, granitem et gneissum (in quibus hic illic apatites et granates increvit), quae lucis vicissitudine variis coloribus coruscant aut obvelantur nubibus ibi praetervectis. In adversa autem ab oceano parte, Occidentem versus et in Africum, demittitur mons per complures gradus et quasi pulvinos in sinum et ad urbem ipsam, unde adscensus haud est difficilis. Via in summum montem ab urbe fert per colles cultos, silva liberatos, sepibus distinctos primum ad pulvinum, in quo aquarum ductui, quem Caryoca nominant, operi magnifico, occurrimus. Modo meabis per loca nuda, ubi solis fulgor lucidus a vividissimis arborum frondibus et caespite floribus ornato resplendet, modo intrabis in luci obscuri gratum frigus. Hoc opus postquam aliquantum persecutus es, eum in locum pervenies, quo fons ipse nondum fornicibus laterum inclusus, liber per saxa granitica e silva defertur, ex quo loco ascendens ubique cinctus es ingenua et casta natura. Passim aperiuntur abruptae fauces stillicidio madentes, in quibus humiliores herbae, filices arborescentes, Scitaminae complures aliique flores inter grandaevae arbores laetissime vigent. Paullatim vero venies in dominium humiliorum et minus succosarum arborum; dumetum condensatur, quo superato consistes in angusto saxi cacumine. Hic erat locus, in quo prospectus noster delineatus est, quem confido veram propositurum esse imaginem, quomodo venusta ilia regni pars sit constructa.

Mons Corcovado, i. e. gibber, pars est immensi illius jugi, quod prope a mari et saepe parallelo cum hoc tractu per totam provinciam Sebastianopolitanam et affines provincias maritimas percurrit, de qua causa vocatur Serra do Mar. Inter promontorium Cabo Frio et Pico de Parati, qui in limite provinciae australi est positus, hic montium tractus maritimus perpetuo jugo extenditur, solum sinu profundo Rio de Janeiro, quem Nitherohy autochthones vocaverant, et inde meridiem versus in littore planis illis et depressis campis, quos secat Rio Guandu (inter oppidum S. Cruz et Sepativa in ora situm) interruptus. Hujus jugi primus lapis et quasi angulus in sinus parte meridionali habendus est Pao d'assucar, nudus granitis conus, qui in extrema terrae ora, quae sinum ambit, ubique separatus, ad 582 pedes assurgit. Vicinus alter et validior angulus est Corcovado, quem ill. FREYCINETIIS 2298 pedes altum esse mensura invenit. Ab hoc igitur loco conspiciuntur diversi rami laterales et quodam modo munimenta contraposita, in quae mons extenditur. Ora maritima et frequentes e ponto enatae insulae saxosae, caput magni sinus Sebastianopolitani et lacus mediterraneus, Lagoa de Roderigo de Freitas dictus, qui angusto canali per syrtim (Restinga) cum oceano ipso cohaeret, atque Caurum versus horizon longo montium tractu limitatur, cujus lineamenta fere corpus jacentis gigantis imitantur. Hoc elatius jugum item est pars montis Serra do Mar. Tendit illud a regione Govatacazes, nomine Serra dos Organs et Serra de Manga Larga versus meridiem, unde longius procedens dirimit aquas fluvii Rio Pirahy et ocenni, quippe inter S. Joao Marcos et Angra dos Reis copulatum cum monte maritimo, qui ibi Serra do Matto Grosso appellatur. His montibus tota provincia in duas partes dirempta est, quarum altera, propior a mari, humilis et plana Beiramar vocatur, altera, valles, alta et plana loca, montiumque cacumina complectens, pone juga

posita est et coeli mitiori temperamento praestat, Serra acima dicta. Hoc late extensum jugum constat e gneisso aut granite et insigne est cacuminum forma ardua et pyramidalis, quam constat montibus organi nomen indidisse. Discedit ab hac communi facie mons Gabia, qui vivo solidoque saxo constructus fere forma cubica ascendit Africum versus a Corcovado et haud procul a mari, quem nulla mora in tabula XX. ad dextram animadvertes. Ante eum emergunt ex oceano parvae insulae nomine Tijucas. Hic mons (Gabia) novissima aetate archaeologorum ad se advertit animos, quod in aliqua saxorum planitie ex adverso maris literarum prisci characteres 7—8 palmas longi detecti esse dicebantur. (Cfr. Revista trimensal de historia e geographia, ou Journal do Instituto Historico geographico Brasileiro I. 1839. p. 86. c. ic), sed isti literarum ductus dubium adhuc est an sint non mera vestigia vastantis saxa tempestatis. Quotquot montes e cacumine Corcovado spectantur, sunt densis et laetis sylvis obtecti: nam omnino tantummodo loca plana et ea maxime demissa videntur istic fuisse libera sylvis et arvali vegetatione amicta. Eum habitum prae se fert illa planities, quam vides in tab. XX. sinistra a Gabia et dextra a lacu mediterraneo de Roderigo de Freitas positam, quam hodie fabrica pulveris pyrii imperialis et hortus botanicus cum Theae sinensis plantationibus occupat; et pariter illa planities, quae in tab. XIX. a M. Pao d'assucar in terram interiori versam, sepibus distincta et in cultos agros commutata apparet. Transeo ab hac tabulae nostrae parte ad Lagoa de Roderigo de Freitas. Hic lacus mediterraneus, fere 1/2 leucae diametro, ab Austro et Borea promontoriis Corcovado cinctus et obumbratus, oculis ex alto despicientis obversatur tamquam aqua plana, fusca, perquam caerulea, ita seclusus et eo severo vultu, quo non nullus e minoribus Alpium lacubus in Germania apparet. At coeli pellucidus aer supra eum diffusus, vegetatio troporum laetissima, quae per saxa stillantia, fertilia arva, larga dumeta eum complectitur ambitiosa, addit profecto ornatum, quem in nostris plagis, minoribus naturae donis extractis, frustra requires. A parte maritima accedit planities demissa et arenosa (Restinga), quam augustus canalis perrepit, quo ipso lacus et oceanus inter sese conjunguntur. Omnes res demonstrant, hunc lacum mediterraneum, etiam nunc salsuginosum, prius fuisse sinum oceani et paulatim ab eo esse sejunctum. Tales lacus submaritimi syrtibus seclusi ad omnem oram Brasiliae et in provincia Rio de Janeiro saepius occurrunt, sicuti paulo infra promontorium Gabia versus meridiem Lagoa de Comarim (Jacarepagua vel Jacarepauha) similis formationis reperitur. Prorsus singulari habitu sunt colles arenosi vel svrtes (Restingas), humiles illae arenosaeque terrae partes, quas temporum decursus ex oceano quodam modo terrae continenti vindicasse videtur. Eae passim modo vestitae sunt propria quadam vegetatione, quae in interioribus terris nusquam aut perraro cernitur et physiognomiae tropicae Brasiliae singularem faciem impertit; ea dignissima est, quae a nativis botanicis accurate disquiratur. Eminent ibi juxta multas plantas maritimas, e.gr. Salicorniam, Convolvolum brasiliense, Philoxerum vermicularem, Bucholziam maritimam, Portulacam pilosam, Molinginem verticillatam, certa Gramina et Cyperacea, uti Stenotaphrum glabrum, Remirea maritima, Oncostylis arenaria, bella filix Acrostichum aureum, quae hic saepe in magno consortio crescit longe lateque, species quaedam Eriocauli, Xyris brevifolia, Utricularia, Coccocypselum, Hedyotis, Myrtaceae plures, inter quas Eugeniam Michellii nomino, cujus fructus Pitanga gratissimum pomum, Cestrum, Cassia, Jonidium, Loranthus rotundifolius, arbores depravatae et humiles Schini terebinthifolii, Sophorae littoralis, Humirii parvifolii et al. Passim deprehenduntur manipuli palmarum, quae Guriri vel Pissando vocatur, Diplothemii maritimi. Eaedem aut cognatae species sunt, quae in septentrionali magis parte Brasiliae per colles arenosos in oceani littore vagantur. Ibi vero etiam frequentes vidi quasdam Pisoniae et Coccolobae species, Chrysobalanum Icacoe et Anacardium occidentale. At conversi jam ab orientali picturae nostrae tabula (XX.) ad occidentalem (XIX.) habemus ante nos suspectum in magnum sinum Rio de Janeiro, haud dubie illum ex venustissimis totius orbis terrarum. Propius a spectante procurrit meridionale littus sinus, cui affine est suburbium Bota Fogo et ad sinistram magis ipsius urbis pars prominet. Ultimam quasi crepidinem in hac parte sinus meridionali versus mare effingit grandis granitis conus Pao d'assucar, qui quidem ex tanta altitudine despicienti minor apparet, quamquam nautae sub eo navigantes cum admiratione praerupta ejus ardua saxa contemplantur. Juxta isthmum, quo ille cum continenti cohaeret, Punta do Leme in mare procurrit, extra quam insula rotunda, Ilha da Cotintiba, conspicitur. Sinistrorsum

*e monte metae sacchari est peninsula, in qua imposita sunt castella S. Joao et S. Joze, quibus una cum munimentis S. Cruz in septentrionali sinus ora introitus in portum defenditur. In hac parte septentrionali magis in occasum ascendunt terrae procursus vario modo disscissi ac dentati, cui ipsi impositum est oppidulum Praya Grande. In medio freto insula valde munita Villegagnon et magis adversus fundum sinus fere óculos subterfugientem cernuntur etiam insulae de Mucangue, da Conceicao et do Viana tamquam natantes supra undarum lucidum aequor. Nihil equidem dico de multis collibus ac montibus, varia forma mare inter et extensa juga Organi montis interpositis, cujus ingentia lineamenta aspectus in septentrionali coeli parte finiunt. Ubi ne pictoris quidem ars naturae majestatem venustatemque satis valet et vere repraesentare, ibi est, quod scriptor victus loco decedat: ibi
Apparet divom numen sedesque quietae
Quas neque concutiunt ventei neque nubila nimbeis
Aspergunt; neque nix aeri concreta pruina
Cana cadens violat: semper sine nubibus aether
Integer et large difluso lumine ridet.*

Tradução

XIX e XX. Aspecto do topo do Morro do Corcovado, próximo à cidade de São Sebastião

Leitor benévolo, cada uma destas duas tábuas, que ofereço a ti, é uma diminuta imitação da magnífica pintura, à qual Thomas Ender, nosso grande amigo, companheiro na viagem ao Brasil, desenhou a partir do topo do monte do Corcovado com sua egrégia arte e com outras tábuas do Brasil, treinado pela expressão da Academia de Artes de Viena, ele as enviou para que lá fossem conservadas. Aquelas exibem um aspecto notável para a configuração da parte mais amena daquela baía do Rio de Janeiro, cuja natureza variada e grande, em verdade, e sua formação tão somente não são descritas em frases comuns. Novamente, entretanto, existe algo pelo que me queixarei convosco: estas minhas tábuas, por exemplo, destituídas de cor, foram suprimidas da admirável graça daquele céu translucido e do vívido calor do seu brilho.

A parte superior do monte Corcovado, observando o mar, é precipitada e assim a tal ponto em declive que apresentaria ter surgido de um oceano próximo tanto quanto ser fragmento de uma ingente ruína, parece-nos uma força demoníaca, que, outrora, imprimiu à terra a presente forma, tê-la cortado diretamente, submergindo a outra parte no mar profundo. Nenhuma planta pode firmar-se nestes paredões arduamente inclinados, oferecendo-lhes nada senão pedras de cor branco-violeta, granito e gnaisse, nas quais de um lado a outro o monte desenvolveu apatitas e granadas, que brilham com várias cores, em vicissitude da luz ou são veladas pelas nuvens que são traídas de encontro àquela parte. No lado contrário do oceano, porém, no lado reverso ao Ocidente e aos ventos da África, está situado um monte que se pode alcançar através de diversas trilhas em degraus, como se fossem arquibancadas, em direção à baía e à própria cidade, de onde não é difícil realizar a descida. A trilha para o topo do monte, a partir da cidade, passa através de campos cultivados, livres da mata fechada, demarcados com cercas até a primeira picada da trilha, na qual alcançamos o canal das águas, que chamam de Carioca, obra magnífica. Às vezes,

passarás através de lugares desnudos de mata, onde resplandece um lúcido fulgor do sol, a partir das vivíssimas copas das árvores e da relva ornada com flores; às vezes adentrarás em um agradável frio de um bosque escurecido. Depois de teres seguido através desta obra, um pouco adiante, alcançarás aquele lugar, em que a mesma fonte, ainda não fechada por arcos nas laterais, desagua livre, através das pedras de granito a partir da floresta, subindo através deste lugar. Por todo o lado estarás cingido por uma natureza pura e nativa. Por todos os lados abrem-se precipícios abruptos, que se enxaguam com gotejamentos recorrentes e irregulares, nos quais as ervas mais rasteiras, *filices arborescentes*, várias *Scitaminiae* e outras flores entre antigas árvores vigem abundantemente. Aos poucos, chegarás ao domínio das árvores mais rasteiras e menos suculentas, uma relva espessa está concentrada lá, superando-a, logo atingirás o estreito topo de uma rocha. Este foi o lugar em que o nosso prospecto foi desenhado, o qual confio que apresentará uma imagem verdadeira do modo que se constituiu aquela amável parte do reino.

O monte do Corcovado, isto é, uma corcunda, é parte daquela imensa cadeia de montanhas, a qual, aproximadamente a partir do mar e frequentemente com esta extensão paralela, atravessa toda a província da cidade de São Sebastião e províncias marítimas afins, por cuja causa é chamada Serra do Mar. Entre o promontório de Cabo Frio e o Pico de Parati, que está localizado no limite sul da província, este trecho marítimo de montes estende-se em uma cadeia perpétua de montanhas, apenas interrompida na baía profunda do Rio de Janeiro, que os autóctones chamaram de Nitherohy (Niterói), e a partir daí seguindo ao sul no litoral com aquelas planícies e campos em depressões, os quais o Rio Guadú corta, este situado entre a Vila de Santa Cruz e a Baía de Sepetiba. Deve-se considerar a primeira rocha, como pedra angular desta cadeia de montanhas, o Pão-de-Açúcar, na parte meridional da baía, um cone de granito desnudo, que em direção aos extremos limites da terra, que percorre a baía, separado por todos os lados, ergue-se até os 582 pés. Outro vizinho e tão valorosa pedra angular é o Corcovado, o qual o ilustríssimo Freycinetius descobriu ter a medida de 2298 pés de altitude. Deste lugar, então, são observados diversos ramos laterais, e, de algum modo, muradas contrapostas, em direção das quais o monte se estende, também se observam embocaduras marítimas e frequentes ilhas rochosas saídas do mar, o ponto central da grande baía da cidade de São Sebastião e lago mediterrâneo, a chamada Lagoa Rodrigo de Freitas, que em estreito canal, através de bancos de areia (restinga), está interligada com o próprio oceano, e à direção noroeste, em direção ao vento Cauro, se limita por longa extensão de montanhas, cuja delineação imita quase o corpo de um gigante adormecido. Esta cadeia montanhosa mais elevada é também parte do monte da Serra do Mar. Aquela estende-se da região de Goytacazes (Campos dos Goytacazes), com o nome de Serra dos Órgãos e Serra de Manga Larga, em direção ao sul, de onde seguindo mais longe divide as águas do rio Pirahy (Piraí) e do oceano, certamente entre São João Marcos e Angra dos Reis, acoplada com um monte marítimo, que se denomina aí Serra do Mato Grosso. Toda a província foi delimitada

em duas partes por estes montes, das quais uma, mais próxima ao mar, rasteira e plana é chamada Beira-mar, outra, que cerca vales, lugares altos e planos, o topo de montes, atrás da cadeia de montanhas, foi disposta e se distingue pelo temperamento mais manso do céu, chamada de Serra acima. Esta cadeia de montanhas tão extensa é composta de gnaiss ou granito e é insigne pela forma acentuada e piramidal de seus picos, o que consta ter imposto o nome de “órgão” às montanhas. Separa-se desta face comum o Morro da Gávea, que constituído em rocha viva e sólida, quase de forma cúbica, ascende na direção do vento Áfrico, a partir do Corcovado, e não longe do mar, o qual sem demora na tábua XX à direita perceberás. Ante a ele emergem do oceano pequenas ilhas de nome Tijucas. Este morro da Gávea, de novíssima idade, sorve a atenção dos arqueólogos, pelo fato de que em uma planície de rochas, do lado reverso ao mar, diziam terem sido detectados antigos caracteres entre 7 e 8 palmos de extensão (cfr. Revista Trimensal de história e geographia, ou Journal do Instituto histórico e geográfico brasileiro I. 1839, p. 86 com ilustrações), mas até agora tem sido posto em dúvida se esses caracteres de letras não são meros vestígios de tempestade que devastou as rochas. Quaisquer montes que sejam observados do pico do morro do Corcovado são cobertos com densas e agradáveis florestas, pois tão somente os locais planos e aqueles rebaixados ao máximo parecem lá terem sido livrados das florestas e cobertos da vegetação arval. Aquela planície traz à frente de si esta configuração física, planície esta que vês disposta na tábua XX, à esquerda da Gávea e à direita do lago mediterrâneo Rodrigo de Freitas, a qual hoje uma fábrica imperial de pólvora e o horto com plantações de *Theae sinensis* (chá chinês) ocupam; e da mesma forma aquela planície, que na tábua XIX, vertida do morro do Pão-de-Açúcar em direção às terras do interior aparece distinta por arcos transformada em campos cultivados.

Sigo desta parte de nossa tábua para a Lagoa Rodrigo de Freitas. Este lago mediterrâneo, de quase $\frac{1}{2}$ légua de diâmetro, cingido e sombreado de sul a norte pelos promontórios do Corcovado, se mostra aos olhos daquele que observa do alto como se fosse de água plana, fosca, de todo azul-celeste, a tal ponto isolado em seu severo aspecto, que aparenta algo dos menores lagos dos Alpes na Alemanha. Entretanto, o ar do céu transparente acrescenta um ornato certamente difundido sobre ele e a vegetação agradabilíssima dos trópicos que o cobre, através de rochas que gotejam, por campos férteis, por largos arvoredos pretenciosos, ornato este que em nossas regiões da Europa, estruturadas com menores dons da natureza, procurarás em vão. A partir da região marítima se apresenta uma planície rasteira e arenosa (restinga), a qual um estreito canal cruza, o mesmo pelo qual o lago e o oceano se encontram. Todas as coisas demonstram este lago mediterrâneo, até agora salsaginoso, antes ter sido uma baía do oceano e paulatinamente deste ter se separado. Tais lagos abaixo do nível do mar, separados por sirtes, ocorrem junto a todo território do Brasil e mais frequentemente na província do Rio de Janeiro; assim como um pouco abaixo do promontório da Gávea, em direção meridional, se descobre a Lagoa de Comarim

(Jacarepaguá ou Jacarepauhá) de formação similar.

As colinas arenosas ou sirtes (restingas) são de uma composição absolutamente singular, aquelas partes rasteiras e arenosas de terra, as quais o decurso das eras parece ter reivindicado do oceano, de algum modo, para a terra do continente. Estas, por todos os lados, de algum modo são recobertas com determinada vegetação própria, que nas terras do interior nunca ou raramente é encontrada e apresenta um singular aspecto à fisionomia tropical do Brasil; esta vegetação é tão singular que devia ser pesquisada por botânicos nativos acuradamente. Distinguem-se aí junto a muitas plantas marítimas, como por exemplo: *Salicorniam*, *Convolvolum brasiliensem*, *Philoxerum vermicularem*, *Bucholziam maritimam*, *Portucalam pilosam*, *Molluginem verticillatam*, algumas gramíneas e ciperáceas, como *Stenotaphrum glabrum*, *Remirea marítima*, *Oncostylis arenaria*, a bela filicínea *Acrostichum aureum*, que aqui frequentemente em grande comunidade cresce, longe e extensivamente, algumas espécies de *Eriocauli*, *Xyris brevifolia*, *Urticularia*, *Coccocypselum*, *Hedyotis*, diversas mirtáceas, entre as quais a de nome *Eugeniam Michellii*, cujo fruto, a pitanga, é agradabilíssimo pomo, *Cestrum*, *Casia*, *Jonidium*, *Loranthus rotundifoliis*, árvores disformes e rasteiras como *Schini terebinthifolii*, *Sophorae littoralis*, *Humirii parvifolii*, entre outras.

Por todos os lados, grupos de palmeiras, que são chamadas *guriri* ou *pissandó*, *Diplothemii maritimi*. Estas mesmas ou espécies aparentadas são aquelas que se proliferam na maior parte da região setentrional do Brasil, por colinas arenosas no litoral do oceano. Vi ali em verdade também algumas espécies de *Pisoniae* e *Coccoloba*, *Chrysobalanus icaco* e *Ancardium occidentale*.

Por outro lado, já da tábua oriental de nossa pintura (XX), para a ocidental (XIX), temos ante nós, retornando à grande baía do Rio de Janeiro, sem dúvida, a mais graciosa entre todas as paisagens do globo terrestre. Mais perto, a partir de quem observa, a baía avança quanto ao litoral meridional, ao qual está em área afim o subúrbio afastado de Botafogo e mais à esquerda projeta-se parte da própria cidade.

O Pão-de-Açúcar, um grande cone de granito, figura como se fosse a última borda nesta parte meridional da baía em direção ao mar, o qual, em verdade, em tão grande altitude aparenta ser menor para quem o observa, ainda que marinheiros navegando sob este, com admiração, contemplem as rochas escarpadas e inclinadas dele. Junto ao istmo, em que ele está ligado com o continente, a Ponta-do-Leme prossegue em direção ao mar, além da qual se pode observar uma ilha rotunda, a ilha de Cotintiba. Do lado esquerdo, a partir do monte do Pão-de-Açúcar, há uma península, na qual foram edificadas as fortalezas de São João e de São José, pelas quais, juntas às edificações do Forte de Santa Cruz, na região setentrional da baía, a entrada para o porto é defendida. Nesta parte setentrional, mais em direção ao ocaso, ascendem terras projetadas de modo variado, fendidas e dentadas, parte esta que tem a pequena fortaleza de Praia Grande construída sobre si. No meio do braço de mar, nota-se a ilha de Villegagnon altamente fortificada e do lado contrário mais ao fundo da baía, quase fugindo aos olhos, notam-se as ilhas de Mocanguê, da Conceição e do Viana, como

se estivessem nadando sobre o mar translúcido de ondas. Em verdade, nada digo sobre as muitas colinas e montanhas, de variadas formas, interpostas entre o mar e as extensas cadeias de montanhas da Serra dos Órgãos, cujos vastos delineamentos ao horizonte delimitam seu aspecto na região setentrional do céu. Lá, em verdade, nem a arte do pintor tem o poder de representar o suficiente e verdadeiramente a majestade e a graça da natureza, ali está aquilo que um escritor, tendo vivido no lugar, definiria:

Aparecem o nume dos deuses e as quietas sedes
Que não ferem nem neves, nem as nuvens com neblinas
Aspergem, nem a neve condensada de ar, caindo
Com a branca geada, viola: sempre sem nuvens, o Éter
Íntegro e largamente, com luz difusa, ri.



Figura 3. Aquarela de Thomas Ender: vista do Corcovado a 1500 pés

3 | CONCLUSÃO

A título de conclusão podemos inferir que os textos dos naturalistas dos oitocentos em Latim Científico são um arquétipo da produção discursiva que pode ser analisada pela teoria da EL, tendo em vista que estes relatos, atualmente componentes da História das Ciências Naturais, sobretudo das áreas de Botânica e de Zoologia, descrevem linguisticamente a interação humana com o meio ambiente, inclusive com as paisagens naturais. Dessa forma, o pensamento científico que guiava os naturalistas e viajantes, partindo da Europa, por todo o globo, desenvolveu um gênero discursivo específico, a História Natural, que registrou, desde a organização de *Linnaeus*, uma interação específica entre língua e meio ambiente, como forma de se buscar compreender e descrever cientificamente a natureza. A Missão Austro-Alemã que percorre o Brasil no ano de 1817 é resultante política do Congresso de Viena em 1815 e do reequilíbrio de poder entre as nações europeias após a era do terror napoleônico.

O latim científico utilizado nos relatos dos viajantes e das academias científicas de então tornou-se a partir do século XVIII a língua de expressão das Ciências da

Natureza, como variante da Língua Latina Clássica e Renascentista, cujo uso se vinculou então a uma comunidade linguística específica, oriunda de universidades e institutos europeus e americanos do século XIX, frutos da revolução científica de cunho iluminista. O ambiente de uma língua pode ser definido como a sociedade, ou a comunidade linguística, que a usa como um de seus códigos, assim a comunidade científica teria o uso o do latim como seu principal código nesta época.

A relação do Latim científico com o Meio Ambiente (MA) dá-se em três níveis de interação, conforme a teoria da EL. O MA mental, que corresponde ao nível individual da linguagem, equivale na análise de textos de naturalistas do século XIX, ao uso individual do Latim científico, a questões intrínsecas de autoria do texto, sua estilística e da experiência específica do viajante e do naturalista no mundo natural, a sua observação da natureza, no caso de Carl von Martius, seria a observação do Brasil. O MA social, que se refere à comunidade linguística em interação, neste caso é relativo à comunidade acadêmica e científica dos oitocentos, em que o texto se insere, seu contexto social e político, e sobretudo à questão da recepção do texto e de sua mensagem. Por fim, o MA natural ou físico é o próprio objeto de observação relatado no discurso, seja a descrição de uma espécie da flora ou da fauna, ou uma visão holística da paisagem, com a descrição inclusive de caminhos e trilhas que o viajante percorreu e sua experiência pessoal registrada no discurso.

De uma forma geral, a visão de mundo (*Weltansicht*, para Humboldt), ou seja, a perspectiva perante o fenômeno observado, revela e evidencia aspectos notórios para o autor do texto, dando ênfase e omitindo situações em um jogo linguístico de um observador que descreve a sua experiência de observação de um determinado fenômeno natural. O narrar como uma crônica e diário de viagens, vinculado às imagens que atestam a veracidade do discurso, insere a percepção e a observação da paisagem em uma série de textos sobre a História Natural, que busca englobar, no sentido enciclopédico e iluminista do termo, a experiência individual como uma experiência universal. Por este fator, acredita-se que ao abrir mão de sua língua materna e nacional, adotando nos relatos o bilinguismo com o Latim científico, o autor busque adotar uma percepção internacional de sua comunidade linguística, descentralizada do ideário nacionalista que despontava no século XIX, buscando inclusive relatar paisagens e fronteiras naturais mais antigas do que as fronteiras políticas.

REFERÊNCIAS

COUTO, H. H. do. **Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente**. Brasília: Thesaurus, 2007.

ENDER, T. **Vista do cume do Corcovado, a 1500 pés de altura**. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Thomas_Ender_-_Vista_do_cume_do_Corcovado,_a_1500_p%C3%A9s_de_altura.jpg, acesso em 15 de dez. de 2017.

KALTNER, L. F. **Textos novilatinos do Brasil: estudos culturais sobre Carl F. P. von Martius**.

Curitiba: CRV, 2016.

MARTIUS, C. F. P. von. **Flora brasiliensis**. Stuttgartiae et Tubingiae: Sumptibus J. G. Cottae, 1829-1833, 2v.

_____. **A viagem de von Martius. Flora Brasiliensis**. Tradução de Carlos Bento Matheus, Livia Lindoia Paes Barreto, Miguel Barbosa do Rosário. Rio de Janeiro: Index, 1996.

SPIX, J. B. von & MARTIUS, C. F. P. von. **Viagem pelo Brasil 1817-1820**. Tradução Lúcia Furquim Lahmeyer. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. 3 v.

_____. **Reise in Brasilien**. München: Linadauer, 1823.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-89-5

